
**PHILIP
K DICK**

**ESPERE AGORA
PELO ANO PASSADO**

Tradução
Braulio Tavares



Copyright © 1966 by Philip K. Dick
Copyright renovado © 1994 by Laura Coelho, Christopher Dick e Isa Hackett

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
Now Wait for Last Year

Capa e projeto gráfico
Celso Longo

Ilustração de capa
Fabrizio Lenci

Preparação
Mariana Delfini

Revisão
Renato Potenza Rodrigues
Érica Borges Correa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Dick, Philip K., 1928-1982.

Esperar agora pelo ano passado / Philip K. Dick ;
tradução Braulio Tavares. — 1ª ed. — Rio de Janeiro :
Suma, 2018.

Título original: Now Wait for Last Year.

ISBN 978-85-5651-073-0

1. Ficção científica norte-americana I. Título.

18-18747

CDD-813.0876

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção científica : Literatura norte-americana 813.0876

Iolanda Rodrigues Biode — Bibliotecária — CRB-8/10014

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 — Cinelândia
20031-050 — Rio de Janeiro — RJ

Telefone: (21) 3993-7510

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/edorasuma

instagram.com/edorasuma

twitter.com/Suma_BR

*Para Don Wollheim,
que fez mais pela ficção científica
do que qualquer outra pessoa.
Obrigado, Don, pela sua fé em nós
ao longo dos anos.
E que Deus te abençoe.*

1

O edifício em formato de apteryx, tão familiar aos olhos dele, reluzia em sua luz cinzenta habitual quando Eric Sweetscent dobrou sua roda e conseguiu estacionar o compacto veículo no nicho que lhe era destinado. Oito da manhã, pensou ele com melancolia. E àquela hora o seu patrão, o sr. Virgil L. Ackerman, já havia aberto os escritórios da Companhia TF&D, pronto para mais um dia de trabalho. Imagine só um sujeito cuja mente é mais eficaz às oito da manhã, pensou o dr. Sweetscent. Isso é algo que vai contra os mandamentos de Deus. Belo mundo o que eles estão partilhando com a gente; a guerra serve de pretexto para todas as aberrações humanas, inclusive as do patrão.

Mesmo assim ele foi na direção da esteira rolante interna, mas logo se deteve quando alguém chamou seu nome.

— Olá, sr. Sweetscent! Só um momento, senhor!

A voz metálica, e altamente repulsiva, de um servo-robô. Eric esperou, com relutância, e a coisa se emparelhou com ele, agitando energicamente os braços e as pernas.

— É o sr. Sweetscent, da Companhia Tijuana Fur & Dye?

Aquela ligeira negligência do outro o incomodou.

— *Doutor Sweetscent. Por favor.*

— Trago aqui uma conta, doutor. — O robô tirou um pequeno cartão dobrado do interior de uma bolsa metálica. — Sua

esposa, a sra. Katherine Sweetscent, fez este débito há três meses na sua conta Dreamland Tempos Felizes Para Todos. Sessenta e cinco dólares, mais dezesseis por cento de taxas. E a lei, agora, bem, o senhor compreende. Lamento atrasá-lo, mas isto é, hummmm, ilegal. — O servo-robô o vigiou atento enquanto ele, com relutância ainda maior, tirou do bolso o talão de cheques.

— O que ela comprou? — perguntou, carrancudo, enquanto preenchia o cheque.

— Um maço de Lucky Strike, doutor. Com a autêntica embalagem verde. Cerca de 1940, antes da Segunda Guerra Mundial, quando a embalagem mudou. “Lucky Strike verde foi para a guerra”, o senhor lembra. — O robô deu uma risadinha.

Ele não conseguia acreditar. Alguma coisa tinha dado errado.

— Tenho certeza — protestou — de que essa despesa devia ter sido debitada na conta da empresa.

— Não, doutor — declarou o robô. — De verdade. A sra. Sweetscent deixou bem claro que essa compra era para seu uso pessoal. — Ele deu então uma explicação que o doutor logo viu ser falsa. Mas se isso devia ser atribuído ao robô ou a Kathy, isso ele não era capaz de dizer, pelo menos por enquanto. — A sra. Sweetscent está construindo um Pitts-39.

— Está nada. — Jogou o cheque preenchido para o robô e, enquanto este tentava agarrar o pedaço de papel flutuante, ele seguiu em frente, em direção à esteira rolante.

Um maço de Lucky Strike. Bem, refletiu ele, sombrio, Kathy ataca de novo. O impulso criativo, que só consegue escoar pelo dinheiro. E sempre muito mais que o salário — o qual, ele tinha de admitir, era um pouco maior que o seu próprio, infelizmente. Mas em todo caso, por que ela não falara nada? Uma compra vultosa como aquela...

A resposta, claro, era óbvia. A própria conta indicava o problema em toda a sua deprimente simplicidade. Ele pensou:

quinze anos atrás eu teria dito, e de fato disse, que as rendas somadas, dele e de Kathy, seriam suficientes, e de fato *tinham de ser* suficientes para manter dois adultos medianamente razoáveis num certo nível de opulência. Mesmo considerando os tempos de guerra.

No entanto, as coisas não tinham funcionado assim. E ele teve uma intuição profunda e persistente de que jamais funcionariam.

Dentro do edifício da TF&D, ele digitou o andar que levava à sua sala, reprimindo o impulso de parar na sala de Kathy, que ficava logo acima, para um confronto imediato. Decidiu que seria melhor mais tarde. Depois do trabalho; no jantar, talvez. Meu Deus, e ele ainda tinha toda uma agenda para cumprir. Estava esgotado e sem energia, e nunca tivera no passado, para aqueles bate-bocas intermináveis.

— Bom dia, doutor.

— Oi — disse Eric, cumprimentando sua secretária, a srta. Perth, cuja imensa cabeleira estava desta vez tingida de azul, com minúsculos fragmentos brilhantes que refletiam a luz das lâmpadas do escritório. — Onde está Himmel? — Não havia sinal do inspetor de qualidade final, e dali ele já podia avistar representantes de algumas subsidiárias estacionando lá embaixo.

— Bruce Himmel telefonou para dizer que a Biblioteca Pública de San Diego o está processando, ele vai ter que comparecer ao tribunal, e com isso talvez se atrase. — A srta. Perth deu um sorriso simpático, mostrando dentes de ébano sintético impecáveis, uma incômoda afetação que tinha migrado para lá com ela, quando chegara de Amarillo, no Texas, um ano atrás. — Os agentes da biblioteca invadiram ontem o co-napt dele e encontraram mais de vinte livros da biblioteca que ele havia furtado. Sabe como é Bruce, ele tem aquela fobia

de quem não consegue sair de casa... como é mesmo a palavra grega?

Ele entrou para a sala interna, que era sua sala privada; Virgil Ackerman insistira em conceder-lhe aquele sinal de prestígio, ao invés de um aumento de salário.

E ali, na sua sala, junto à sua janela, fumando um adocicado cigarro mexicano e contemplando as colinas austeras da Baixa Califórnia, ao sul da cidade, estava sua esposa, Kathy.

Era a primeira vez que ele a via naquela manhã; ela acordara uma hora antes, vestira-se e tomara café sozinha, vindo para o trabalho em sua própria roda.

— O que foi? — perguntou Eric, um pouco tenso.

— Entre e feche a porta — disse Kathy, virando-se na sua direção, mas evitando seus olhos; a expressão no rosto anguloso dela era meditativa.

Ele fechou a porta.

— Obrigado por me recepcionar na minha própria sala.

— Eu sabia que aquele maldito cobrador ia interceptar você hoje cedo — disse ela, com uma voz distante.

— Quase oitenta verdinhas — disse ele. — Incluindo os encargos.

— Você pagou? — Agora, pela primeira vez ela o encarou; seus cílios artificialmente negros se moveram, indicando sua preocupação.

— Não — respondeu ele, sardônico. — Deixei o robô me fuzilar ali mesmo, no meio do estacionamento. — Ele pendurou o paletó no armário. — Claro que paguei. É obrigatório por lei, desde que o Dique destruiu todo o sistema de compras por cartão de crédito. Sei que você não está muito interessada em ouvir isto, mas se não me reembolsar dentro de...

— Por favor — disse Kathy. — Não venha com sermões. O que foi que ele disse? Que estou construindo um Pitts-39? É mentira. Ganhei o maço de Lucky Strike verde de presente.

Eu não me meteria a construir um novo parque de diversões sem te comunicar. Afinal de contas, seria seu também.

— Não um Pitts-39 — disse Eric. — Nunca vivi lá, nem em 39 nem em qualquer outra época. — Sentou-se à sua mesa e apertou o botão do vidcom. — Já estou aqui, sra. Sharp — falou, dirigindo-se à secretária de Virgil. — Como vai a senhora, sra. Sharp? Voltou em segurança para casa ontem à noite, depois do comício sobre cupons de guerra? Nenhum piquete de agitadores a acertou na cabeça? — Ele desligou o aparelho e explicou a Kathy: — Lucille Sharp é uma pacifista ardente. Acho que é bom para a imagem de uma companhia permitir que seus empregados se envolvam em militância política, concorda? E ainda melhor é que isso não custa um centavo sequer: reuniões políticas são gratuitas.

Kathy disse:

— Mas você é obrigado a rezar e a cantar. E eles te obrigam a comprar aqueles cupons.

— Para quem era o maço de cigarros?

— Virgil Ackerman, é claro. — Ela soltou a fumaça do cigarro em dois jatos cinzentos. — Você está pensando que eu pretendo ir trabalhar em outro lugar?

— Claro, se for ganhar melhor.

Kathy respondeu, pensativa:

— Não é o salário alto que me mantém aqui, Eric, a despeito do que você imagina. Eu acredito que estamos ajudando na campanha da guerra.

— Aqui? Mas de que jeito?

A porta do escritório se abriu. A silhueta da srta. Perth apareceu, com seus seios iluminados, difusos, fazendo um volume horizontal e roçando o batente quando ela se virou e disse:

— Ah, doutor, desculpe incomodá-los, mas o sr. Jonas Ackerman está aqui para vê-lo. O sobrinho-bisneto do sr. Virgil, lá no setor de Banho Químico.

— Como estão os Banhos, Jonas? — perguntou Eric, estendendo a mão. O sobrinho-bisneto do dono da companhia adiantou-se e os dois se cumprimentaram. — Alguma novidade no turno da noite?

— Se houve alguma — disse Jonas —, fez como os operários e foi embora pelo portão da frente. — Ele então notou a presença de Kathy. — Bom dia, sra. Sweetscent. Olhe só, eu vi a nova configuração que a senhora adquiriu para o Wash-35, aquele carrinho em forma de besouro. O que é aquilo, um Volkswagen? Era assim que eram chamados?

— Um Chrysler Airflow — disse Kathy. — Era um bom carro, mas tinha muito metal sem suspensão. Um erro de engenharia que o liquidou no mercado.

— Meu Deus — disse Jonas, com emoção verdadeira. — Saber alguma coisa de maneira realmente completa... que sensação deve ser. Abaixo a maldita Renascença! Quero dizer, especializar-se em alguma área até que... — Ele se interrompeu, percebendo que ambos os Sweetscent estavam com um ar taciturno. — Interrompi alguma coisa?

— Os assuntos da empresa têm prioridade — disse Eric —, estão acima dos prazeres pessoais. — Estava contente com a interrupção, mesmo que fosse por aquele membro inferior da complicada hierarquia familiar da empresa. — Kathy, por favor, dê o fora daqui — disse ele à esposa, sem sequer se dar o trabalho de usar um tom leve. — Conversamos no jantar. Tenho coisas demais a fazer e não posso perder tempo discutindo se um cobrador robô é mecanicamente capaz de mentir ou não. — Acompanhou a esposa até a porta do escritório; ela andou passivamente, sem resistência. Baixinho, Eric falou: — É como se todas as pessoas do mundo estivessem se dando o trabalho de depreciar você, não é mesmo? Todos estão falando. — Fechou a porta depois que ela saiu.

Jonas Ackerman encolheu os ombros e disse:

— Bem, é isto o casamento de hoje em dia. Ódio legalizado.

— Por que diz isto?

— Ora, os tons de voz dessa conversa. Dava para sentir no ar, como o sopro frio da morte. Devia haver uma norma estabelecendo que um homem não pode trabalhar na mesma empresa que a esposa. Que diabo, nem mesmo na mesma cidade. — Ele sorriu, e do seu rosto magro e jovem desapareceu imediatamente toda a seriedade. — Mas ela é mesmo muito competente, você sabe. Virgil foi se livrando aos poucos de todos os seus colecionadores de antiguidades desde que Kathy começou a trabalhar aqui... mas é claro que ela já comentou isto com você.

— Muitas vezes. — Quase todo dia, pensou ele, com acidez.

— Por que vocês não se divorciam?

Eric deu de ombros, um gesto destinado a revelar sua natureza profundamente filosófica. Ou pelo menos ele assim esperava.

O gesto evidentemente não surtiu efeito, porque Jonas disse:

— Isso significa que você está gostando?

— Significa — disse ele, com voz resignada — que já fui casado antes e não foi muito melhor, e que se eu me divorciar de Kathy vou me casar de novo, porque, como diz o meu consertador de juízo, eu não consigo definir minha identidade fora do papel de marido e pai e grande provedor de arroz e feijão. E a próxima esposa vai ser igualzinha, porque é esse o tipo que eu acabo escolhendo. Está enraizado no meu temperamento. — Ele ergueu a cabeça e encarou Jonas com a melhor expressão de rebeldia masoquista que ele conseguia fazer. — Bem, o que você quer, Jonas?

— Uma viagem — disse Jonas Ackerman, com entusiasmo. — Para Marte, com todos nós, inclusive você. Uma conferência! Você e eu podemos escolher poltronas bem longe do velho Virgil, para não termos que ficar discutindo os negócios da empresa, a guerra, Gino Molinari. E como estaremos em

uma nave das grandes, serão seis horas de ida e seis de volta. E pelo amor de Deus, não vamos ficar de pé todo o trajeto até Marte e de volta. Vamos garantir nossas poltronas.

— Quanto tempo vamos ficar lá? — Ele não estava nada ansioso por essa viagem. Teria que ficar tempo demais longe do trabalho.

— Voltaremos amanhã, sem dúvida, ou no mais tardar depois de amanhã. Escute, isso vai deixar você longe da sua mulher. Kathy fica aqui. É meio irônico isso, mas já percebi que quando o velho está em Wash-35 ele não gosta de nenhum dos seus especialistas em antiguidades por perto. Ele gosta de mergulhar na, hummm, na mágica do local, cada vez mais, à medida que fica mais velho. Quando você estiver com cento e trinta anos vai começar a entender, e eu também, acho. Enquanto isso, vamos ter que aguentá-lo. — E comentou, com ar sombrio: — Você provavelmente sabe disso, Eric, porque é o médico dele. Ele não vai morrer nunca; nunca vai tomar a decisão mais difícil, como o pessoal a chama, não importa quantas coisas dentro dele entrarem em colapso e tiverem que ser substituídas. Às vezes eu tenho inveja, por ele ser tão otimista. Por gostar tanto da vida, por achar que ela é tão importante. Agora, nós, pobres mortais, na nossa idade... — Ele ergueu os olhos para Eric. — Nós com uns miseráveis trinta e dois ou trinta e três...

— Eu tenho bastante vitalidade — disse Eric. — Estou pronto para ter uma vida longa. E a vida não vai me passar para trás. — Ele foi buscar no bolso do paletó a conta que o servo-robô lhe apresentara. — Use a memória. Será que um maço de Lucky Strike *com a embalagem verde* apareceu em Wash-35, cerca de três meses atrás? Uma contribuição de Kathy?

Depois de uma longa pausa, Jonas Ackerman disse:

— Coitado de você, cheio de desconfianças estúpidas. Isso é tudo que você consegue focar na sua mente. Escute, doutor: se não puder concentrar seu pensamento no trabalho, acabou.

Existem uns vinte cirurgiões de artificiórdãos com propostas em aberto nos nossos arquivos, todos ansiosos para trabalhar para alguém como Virgil, um homem com a importância dele na economia e no esforço de guerra. Você claramente não é tão bom assim. — A expressão do rosto dele era ao mesmo tempo compadecida e reprovadora, uma mistura estranha que teve o poder de despertar Eric Sweetscent. — Pessoalmente, se meu coração falhasse, o que sem dúvida vai acontecer dentro de alguns dias, eu não me daria o trabalho de chamá-lo. Você está mergulhado demais em seus assuntos pessoais. Você vive para si mesmo, não para a causa do planeta. Meu Deus, será que não se lembra? Estamos travando uma guerra de vida ou morte. E estamos perdendo. Estamos sendo pulverizados todo santo dia!

É verdade, percebeu Eric. E o nosso líder é um homem doente, hipocondríaco, sem entusiasmo algum. E a Companhia Tijuana Fur & Dye é uma dessas vastas muletas industriais que mantêm de pé esse líder enfraquecido, que conseguem, sabe-se lá como, manter o Dique no cargo. Sem essas amizades cálidas, bem situadas e pessoais como a que ele mantém com Virgil Ackerman, Gino Molinari já teria caído, ou morrido, ou estaria instalado num abrigo para idosos. Eu sei disso. E ainda assim — a vida pessoal da gente tem que continuar. Afinal de contas, refletiu ele, eu não escolhi ficar enredado na minha vida doméstica com Kathy, como dois boxeadores agarrados um ao outro. Se você acha que escolhi, é porque você é morbidamente jovem. Você não conseguiu fazer a passagem da liberdade de adolescente para a terra onde eu vivo hoje em dia, e onde estou casado com uma mulher que é economicamente, intelectualmente e, até mesmo eroticamente, superior a mim.

Antes de deixar o edifício, o dr. Sweetscent parou no setor de Banhos, se perguntando se Bruce Himmel teria aparecido.

E de fato lá estava ele, ao lado de um enorme cesto cheio de Lazy Brown Dogs com defeito.

— Transforme tudo de novo em groonk — disse Jonas a Himmel, que sorriu à sua maneira vazia, desconjuntada, quando o mais jovem dos Ackerman atirou na sua direção uma das esferas defeituosas que emergiam nas linhas de montagem da TF&D, juntamente com aquelas prontas para serem instaladas na estrutura de comando das naves interplanetárias.

— Você sabia — disse ele a Eric — que, se você pegar uma dúzia dessas síndromes de controle, e não falo das defeituosas, mas dessas que estamos mandando aos caixotes para o Exército, você vai descobrir que, comparadas com as de um ano atrás, ou mesmo de seis meses atrás, o tempo de reação dela decresceu em alguns milissegundos?

— Está querendo dizer que nossos padrões de qualidade decaíram? — disse Eric.

Isso parecia impossível. O produto da TF&D era essencial. Toda a intrincada rede de operações militares dependia daquelas esferas do tamanho de uma cabeça.

— Exatamente. — Aquilo não parecia preocupar Jonas. — Porque estávamos rejeitando um número muito grande de unidades. Não estávamos tendo lucro.

Himmel gaguejou:

— Às vezes eu tenho vontade de voltar aos tempos do comércio com esterco de morcego marciano.

Houve um tempo em que a companhia recolhia e comercializava os excrementos dos morcegos marcianos. Foi desse modo que acumulou seu capital inicial e foi capaz de contratar os direitos de macroexploração de outra criatura não terrestre, a ameba impressora marciana. Esse nobre organismo unicelular sobrevivia graças a sua capacidade de imitar outras formas de vida — especificamente, aquelas que eram iguais em tamanho — e, embora essa habilidade tivesse di-

vertido os astronautas terrestres e os funcionários das Nações Unidas, ninguém fora capaz de perceber uma possível utilização industrial para ela até que Virgil Ackerman, já conhecido como explorador do esterco de morcego, entrou em cena. Dentro de poucas horas ele havia apresentado à ameba impressora um dos caros casacos de pele de sua amante na época; a ameba o reproduziu fielmente, de tal modo que em pouco tempo Virgil e a garota tinham em mãos não um, mas dois casacos de vison. A ameba, contudo, acabou se cansando de ser uma pele e voltou à antiga forma. Esse desfecho deixou algo a desejar.

A solução foi desenvolvida ao longo de um período de vários meses e consistiu em matar a ameba quando seu mimetismo estava perfeito e depois submeter seu cadáver a um banho de agentes químicos fixadores, com a capacidade de estabilizar sua forma final; a ameba era poupada da decomposição e não mais se distinguia do original. Não demorou muito para Virgil Ackerman montar um centro receptor em Tijuana, no México, e começar a receber carregamentos e mais carregamentos de imitações de todo tipo de peles vindas de suas instalações industriais em Marte. E no mesmo processo ele quebrou todos os seus concorrentes no mercado de peles da Terra.

A guerra, no entanto, modificou por completo esse panorama.

E, no entanto, o que foi que a guerra não mudou? E quem seria capaz de imaginar, quando a Terra assinou o Pacto da Paz com seus aliados de Lillistar, que as coisas acabariam tão mal? Porque, de acordo com Lillistar e seu ministro Frenexsy, eram eles o poder militar dominante na galáxia; seus inimigos, os reegs, eram bastante inferiores não apenas militarmente, mas em todos os outros sentidos, e aquela seria uma guerra curta.

A guerra em si já é uma coisa bastante ruim, pensou Eric, mas nada se compara à derrota numa guerra para fazer um

sujeito parar e pensar, tentando em vão avaliar retroativamente suas decisões passadas, decisões como a do Pacto da Paz, para dar só um exemplo, e um exemplo que poderia ter ocorrido a um número imenso de terráqueos, se alguém lhes perguntasse a respeito. Mas naqueles dias a opinião deles não interessava nem ao Dique, nem ao governo de Lilistar. Na verdade, o consenso geral — falado às claras nas mesas de bar e na privacidade das residências — era que não queriam saber nem da opinião de Dique.

Assim que começaram as hostilidades contra os reegs, a Tijuana Fur & Dye foi convertida de fábrica de peles artificiais de luxo em fábrica de material bélico, tal como ocorreu, é claro, com a maioria das outras indústrias. A duplicação fantasticamente precisa das síndromes-mestras dos foguetes espaciais, a mônada controladora chamada Lazy Brown Dog, era um objetivo fatal, obrigatório, para o tipo de operação que a TF&D representava; a conversão da maquinaria foi rápida e indolor. E agora, Eric Sweetscent, mergulhado em meditação, olhava aquele cesto repleto de peças rejeitadas, tentando imaginar, tal como qualquer outra pessoa da companhia num momento ou noutro, de que maneira aquelas unidades abaixo do padrão, mas ainda assim muitíssimo complexas, poderiam gerar algum tipo de vantagem econômica. Ele ergueu uma delas na mão: em termos de peso, equivalia a uma bola de beisebol, em termos de tamanho, a uma toranja. Evidentemente nada se podia fazer com aquelas peças rejeitadas por Himmel, e ele se virou para jogar de volta a esfera na bocarra do depósito, onde o plástico fixado retornaria à sua forma orgânica e celular de origem.

— Espere — grasnou Himmel.

Eric e Jonas olharam para ele.

— Não a derreta — disse Himmel. Seu corpo de aparência desagradável se retorceu de constrangimento; os braços se agitaram, com os dedos longos e nodosos se abrindo e se fechan-

do. Sua boca de expressão idiota permaneceu aberta enquanto ele balbuciava: — Eu... eu não faço mais isso. Seja como for, como matéria-prima essa unidade vale apenas um quarto de centavo. Esse cesto inteiro não vale mais do que um dólar.

— E daí? — disse Jonas. — Ainda assim elas precisam...

Himmel resmungou:

— Eu compro. — Ele enfiou os dedos no bolso da calça, tentando extrair a carteira; foi uma luta longa e árdua mas ele finalmente conseguiu.

— Para que quer comprar isso? — questionou Jonas.

— Eu fiz um acordo aqui — disse Himmel, depois de uma pausa desconfortável. — Eu pago meio centavo por cada unidade defeituosa de Lazy Brown Dogs, o dobro do que valem, de modo que isto é lucrativo para a empresa. Por que alguém seria contra? — A voz dele se elevou até se esganiçar um pouco.

Avaliando o que ouvira, Jonas disse:

— Ninguém está fazendo objeção. Só estou curioso em saber para que você precisa disso. — Ele olhou de esguelha para Eric, como que perguntando: e você, o que pensa disto?

Himmel respondeu:

— Eu, hummm, eu as utilizo. — Com um ar sombrio ele se virou e caminhou desengonçado para uma porta próxima. — Mas elas são todas minhas, porque paguei adiantado com o meu salário — disse ele, falando por cima do ombro enquanto abria a porta. Numa atitude defensiva, o rosto sombrio de ressentimento, e tendo no rosto os traços corrosivos e as rugas profundas da ansiedade fóbica, ele ficou de lado para lhes dar passagem.

No aposento — claramente um depósito —, carrinhos se deslocavam em rodinhas do tamanho de uma moeda de um dólar; vinte ou mais deles, evitando com destreza se chocarem uns com os outros em sua frenética atividade.

Em cada um deles, Eric viu um Lazy Brown Dog devi-

damente instalado, ligado e controlando os movimentos do carrinho.

Jonas esfregou o nariz e grunhiu:

— São movidos a quê? — Curvando-se, ele conseguiu agarrar um dos carrinhos que passou perto do seu pé e o ergueu no ar, com as rodas ainda girando inutilmente.

— Uma pilha A baratinha, que dura dez anos — disse Himmel. — Custa outro meio centavo.

— E foi você mesmo que construiu esses carrinhos?

— Sim, sr. Ackerman. — Himmel tirou o carrinho das mãos dele e o colocou de volta no piso, onde ele voltou a circular atarefadamente. — Estes aqui ainda são muito novos para serem soltos — explicou ele. — Precisam praticar.

— E depois — disse Jonas — você os põe em liberdade.

— Isso mesmo. — Himmel assentiu com sua cabeçorra quase calva, com os óculos de aro de tartaruga deslizando no nariz.

— Por quê? — perguntou Eric.

Agora tinham chegado ao X da questão; Himmel enrubesceu, remexeu-se miseravelmente e ainda assim conseguiu exibir uma espécie de orgulho secreto, defensivo.

— Porque eles merecem — disse ele com dificuldade.

Jonas disse:

— Mas o protoplasma não tem vida. Ele morre quando a gente aplica o fixador químico. Você sabe disso. Daí em diante isso tudo... essas coisas todas aí... não passam de circuitos eletrônicos, algo tão sem vida quanto, sei lá, um servo-robô.

Cheio de dignidade, Himmel respondeu:

— Mas eu as considero vivas, sr. Ackerman. E somente porque são um produto inferior e não são capazes de guiar uma nave no espaço profundo, isso não quer dizer que elas não têm o direito de viver as suas vidinhas. Eu as liberto e elas ficam rolando por aí durante, espero, cerca de seis anos, talvez um pouco mais. Isso basta. Isso lhes dá aquilo a que elas têm direito.

Virando-se para Eric, Jonas disse:

— Se o velho vier a saber disso...

— O sr. Virgil Ackerman *sabe* disso — disse Himmel imediatamente. — E ele está de acordo. — E logo emendou: — Ou pelo menos ele me autorizou; ele sabe que estou reembolsando a empresa. E eu construo os carrinhos à noite, no meu tempo livre. Tenho uma linha de montagem, muito primitiva, é claro, mas que funciona, lá no conapt onde moro. Trabalho toda noite até cerca de uma da madrugada.

— E o que eles fazem depois que você os solta? — perguntou Eric. — Saem apenas rodando pela cidade?

— Só Deus sabe — disse Himmel. Obviamente essa parte não lhe causava preocupação alguma; ele já havia feito o seu serviço ao construir os carrinhos e instalar o Lazy Brown Dog para guiá-los. E talvez ele estivesse certo. Ele não tinha como acompanhar cada carrinho e defendê-lo contra os perigos da cidade.

— Você é um artista — disse Eric, sem saber ao certo se isto o divertia, o deixava revoltado ou o quê. Não estava impressionado: disso tinha certeza. Toda aquela atividade tinha um ar bizarro, amalucado... era absurdo. Himmel trabalhando sem cessar tanto ali quanto em seu conapt, esforçando-se para que as peças rejeitadas pela empresa achassem um lugar ao sol... e depois? E tudo isso enquanto o resto das pessoas derramava seu suor no absurdo maior, na loucura coletiva, de uma guerra equivocada.

Visto diante desses fatos, Himmel não parecia tão ridículo assim. Eram aqueles tempos. A loucura impregnava toda a atmosfera, desde o Dique até chegar a esse funcionário do setor de controle de qualidade, que era claramente uma pessoa perturbada no sentido psiquiátrico do termo.

Voltando para a sala principal com Jonas Ackerman, Eric disse:

— Ele é um poog. — Era o termo mais forte daquela época para indicar uma conduta aberrante.

— Evidentemente — disse Jonas, fazendo um gesto de deixa pra lá. — Mas isso me revela um ângulo novo para enxergar o velho Virgil, o fato de tolerar isso, e certamente não é porque dê algum lucro; não é o caso. Sério, estou satisfeito. Pensei que Virgil fosse mais insensível; antes eu acharia que ele botaria esse pobre-diabo porta afora, numa turma de trabalhadores escravos rumo a Lilistar. Meu Deus, que destino cruel teria sido este. Himmel é um cara de sorte.

— Como acha que isso vai acabar? — perguntou Eric. — Acha que o Dique vai assinar um tratado de paz em separado com os reegs, nos tirar da guerra e deixar os Starmen lutando sozinhos? O que, afinal, é o que eles merecem.

— Ele não pode — disse Jonas numa voz apática. — A polícia secreta de Freneksy baixaria sobre nós aqui na Terra e o retalharia em fatias bem fininhas. Do dia para a noite ele estaria fora do poder e seria substituído por alguém mais militante. Alguém que *gostasse* de prolongar essa guerra.

— Mas eles não podem fazer isso — disse Eric. — Ele é o nosso líder, foi eleito, e é nosso, não deles. — Ele sabia, contudo, que a despeito dessas considerações legais Jonas estava certo. Jonas apenas julgava os seus aliados de um jeito realista, encarando os fatos.

— Nossa melhor opção — disse Jonas — é simplesmente perder a guerra. Devagar, inevitavelmente, como estamos fazendo. — Ele abaixou a voz até um sussurro áspero. — Eu detesto esse discurso derrotista...

— Fique à vontade.

— Eric, é o único modo de a gente cair fora, mesmo que tenhamos de encarar um século de ocupação pelos reegs como castigo por ter escolhido o aliado errado numa guerra errada na hora errada. Foi a nossa impecável estreia no militarismo interplanetário, e o *modo* como entramos nisso, como o Dique escolheu entrar. — Ele fez uma careta.

— E nós o escolhemos — lembrou Eric. De modo que a responsabilidade, em última análise, recaía sobre eles.

Lá adiante, uma figura esguia, parecendo uma folha seca, quase sem peso, veio se aproximando deles, chamando-os numa voz fina, estridente:

— Jonas! E você também, Sweetscent... está na hora de se prepararem para a viagem a Wash-35.

O tom da voz de Virgil Ackerman era levemente rabugento, o tom de uma ave atarefada com seus filhotes. Naquela idade tão avançada, Virgil se tornara quase um ser hermafrodita, uma mistura de homem e mulher numa entidade assexuada, sem seiva e no entanto cheia de vida.